

Inês está morta

Ricardo Noblat

Na última segunda-feira, dia 15, dissolveu-se justas ambições, pretensões cabíveis e projetos acalentados por uma dezena de políticos. Esgotou-se, ali, o prazo de filiação aos partidos para quem desejasse disputar a sucessão presidencial e de desincompatibilização para quem ocupa determinados cargos públicos — e também pretendesse concorrer na eleição de novembro próximo. Quem agiu em tempo hábil o fez.

Quem não agiu, agora é tarde. Inês é morta. Cabeças coroadas, umas mais, outras menos, ficarão de fora da boca do palco da sucessão do presidente José Sarney. É o caso do ex-governador Hélio Garcia, de Minas Gerais. Garcia era uma espécie de candidato a vice dos sonhos de quase todos os atuais candidatos a presidente da República. O deputado Ulysses Guimarães o cortejou. Acabou atropelado por Waldir Pires.

O ex-governador Leonel Brizola despachou ao encontro de Garcia o coordenador nacional de sua campanha, o deputado Fernando Lyra. Garcia disse não à vaga de vice na chapa do governador Fernando Collor de Mello. Desde a última segunda-feira, está impedido de aceitar ser vice do ex-prefeito Jânio Quadros. Garcia poderá vir a ser um poderoso eleitor do próximo presidente — mas é só. Deverá disputar o governo de Minas em 1990.

O ministro Íris Resende, da Agricultura, e o prefeito Joaquim Francisco, do Recife, preferiram manter-se nos cargos e, por isso, abriram mão de frequentar algumas das chapas à sucessão. Íris quis ser, de fato, o candidato do PMDB. Sarney pensou em usá-lo para atrapalhar a vida de Ulysses e abrir caminho para a candidatura de Quêrcia. Se Íris tivesse ganho a indicação, surpreenderia o presidente.

Não estava disposto a renunciar em favor de Quêrcia — nem mesmo em troca do lugar de vice. Apostava no instinto de sobrevivência do partido que, no próximo ano, disputará eleições para os governos estaduais, as assembleias e o Congresso. Achava que o



partido não se esfacelaria com a escolha dele. Sinceramente, estava animado com as chances que pensava ter de disputar a sucessão do presidente Sarney.

A ilusão eleitoral é mais forte do que a ilusão amorosa, constatou, há muito tempo, o ex-senador João Cleofas, de Pernambuco. Cleofas foi três vezes candidato ao governo do seu estado. Perdeu todas. O prefeito Joaquim Francisco poderia ter ganho, pelo menos, o lugar de vice do senador Mário Covas, candidato do PSDB à presidência da República. A seção local do PSDB fechou-lhe as portas do partido.

Joaquim, por sua vez, não tentou arrombá-la. Íris pretende continuar dividindo com o governador Henrique Santillo a liderança do PMDB em Goiás — e poderá compor-se com Ulysses. Como Santillo já fez. Joaquim espera o desfecho da prévia eleitoral que apontará o candidato do PFL à sucessão. Se o candidato for o senador Marco Maciel, se sentirá obrigado a apoiá-lo, ficando então no PFL.

Torce, em silêncio, para que Maciel perca para o ex-ministro Aureliano Chaves. Só assim poderá apoiar Brizola, que considera um candidato mais viável. O elenco de nomes possíveis de se tornarem vice de Brizola estreitou-se, radicalmente, desde o dia 15. Se o nome for pinçado dentro do PDT, o vice será Lyra. Não existe outro. Brizola tenta coligar o PDT com o PTB — e, se isso ocorrer, o PTB poderá fazer o vice.

Não está fácil. O PTB está rachado em três grupos: o que quer Brizola, o que quer Jânio e o que se contenta com a candidatura do senador Afonso Camargo, do Paraná. Camargo tinha um sonho: o de somar, em meio à campanha eleitoral, as forças de centro divididas em torno dos candidatos do PMDB, do PFL e do PTB. Ele conversou muito com o governador Orestes Quêrcia a respeito disso — e com o senador Marco Maciel.

Admitia que Quêrcia poderia vir a ser o nome de unidade do centro. Seu projeto foi prejudicado pela solução encontrada pelo PMDB. Camargo persevera como candidato para evitar que o PTB caia no colo de Brizola ou de Jânio. A sucessão presidencial ainda está na fase preliminar. O governador Collor cresceu rápido e cedo demais. Ou atrairá logo o apoio das forças políticas do centro e da direita, ou começará a perder densidade.